

**RENATE HAAS (ED.). *REWRITING ACADEMIA:
THE DEVELOPMENT OF THE ANGLICIST
WOMEN'S AND GENDER STUDIES OF
CONTINENTAL EUROPE.***

Frankfurt am Main: Peter Lang, 2015. 442 pp.

Maria Luísa Coelho*
marialuisa.coelho@mercat.co.uk

Esta abrangente coletânea de ensaios coligida por Renate Haas constitui uma análise ambiciosa das relações passíveis de serem estabelecidas entre os estudos de género/de mulheres e os estudos anglo-americanos em diversos contextos académicos europeus. A investigação parte de uma constatação inicial por parte da sua organizadora: a de que o carácter inovador e os avanços observados no âmbito dos estudos de género/de mulheres, que têm vindo a ser desenvolvidos académicamente desde meados do século XX um pouco por toda a Europa, devem muito ao impulso proporcionado pelos estudos anglo-americanos, o que também torna esta área

de investigação numa importante mediadora da cultura anglófona na Europa continental. Nesse sentido, o objetivo do presente volume é colmatar uma lacuna relativa ao conhecimento das condições, sucessos e dificuldades desta interação em diversos universos académicos europeus e, desse modo, igualmente dar visibilidade à variedade dos estudos de género/de mulheres em geral e no contexto dos estudos anglo-americanos em particular, na Europa continental. Para tal Haas seguiu uma laboriosa metodologia através da qual se solicitou a colaboração de variadas fontes académicas para o fornecimento de dados relativos ao tema e uma breve descrição

* Bolseira de pós-doutoramento (bolsa FCT SFRH/BPD/112293/2015), Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, Braga, Portugal.

das condições dos respetivos países de origem. Embora esta seleção em função de diferentes estados-nações possa parecer questionável, ela é cabalmente justificada por Haas dada a atenção atribuída no volume à dimensão institucional.

Desta metodologia nasce um extenso mosaico sociocultural, capaz de permitir ao leitor o estabelecimento de comparações e relações a partir de diversos pontos de articulação; dela também resulta um mapeamento geograficamente variado, que vai desde a Europa do Sul até ao Leste Europeu, passando pelo Norte e Centro da Europa e possibilitando o cotejamento de análises relativas a espaços tão diferentes quanto Portugal (num texto produzido por duas investigadoras da universidade do Minho e associadas ao Grupo de Investigação em Género, Artes e Estudos Pós-Coloniais), Finlândia, Alemanha, Lituânia e Roménia. É, no entanto, de notar a ausência de dois países – Rússia e Grécia – cuja presença poderia ainda mais alargar o escopo deste estudo, particularmente no caso da Rússia, um país cuja história convulsa e posição geográfica permitiriam certamente a introdução de novas perspetivas. Se as circunstâncias observadas em alguns destes universos culturais são consideravelmente mais conhecidas (como é o caso dos países escandinavos e do centro da Europa, como a Alemanha

e a França), outras há que constituíam *a priori* uma incógnita, fruto da sua situação periférica, não só geográfica como também cultural (como é o caso da Roménia ou da Bulgária). Nesse sentido, *Rewriting Academia* oferece um importante contributo, não só para uma melhor compreensão da questão inicialmente colocada, como também do papel da luta e crítica feministas nessas sociedades e na produção de conhecimento relativo aos estudos de género no seio das mesmas. O objetivo mais amplo é pois o de reescrever a história da academia, de forma a nela realçar não só o importante contributo dos estudos de género/de mulheres, como também a importância dos estudos anglófonos para o desenvolvimento dos primeiros.

Os ensaios relativos aos dezasseis países abordados em *Rewriting Academia* são produzidos por uma vasta lista de colaboradores, cuja diversidade de perfis sugere um leque de gerações, relações com o ativismo político e cargos académicos, ainda que a posição académica e contributo para o desenvolvimento dos estudos de género/de mulheres e/ou anglófonos de alguns dos colaboradores pudesse ser mais clara. Os ensaios seguem uma mesma estrutura, focada em três aspetos: (1) contextos nacionais: movimento feminista e estudos de género; (2) estudos de género/de mulheres no

contexto anglófono; (3) conclusões e perspectivas para o futuro desta área interdisciplinar. Esta organização facilita a análise comparatista possível de ser seguida pelos leitores e o estabelecimento de continuidades e ruturas, embora tal abordagem seja apenas claramente adotada no último capítulo do volume, da autoria de Haas, e aí primordialmente em comparação com o desenvolvimento dos estudos de género/de mulheres em contexto norte-americano. Para além disso, a estrutura proposta por Haas nem sempre é cumprida nos diversos capítulos, notando-se uma grande diversidade na abordagem e no esmiuçamento do tema (com ensaios que produzem uma análise mais detalhada das condições socioculturais gerais e outros que se focalizam na análise do sistema académico); isto apesar de haver uma preocupação constante na produção de um conhecimento situado.

A maioria dos ensaios realça a dificuldade em atribuir acreditação institucional não só à área dos estudos de género/de mulheres mas também à articulação da mesma dentro do contexto dos estudos anglo-americanos. Na verdade, o que se repete nas análises apresentadas é que muitos dos avanços nos estudos de género/de mulheres observados em diferentes contextos académicos se deve ao trabalho individual de leitores e investigadores, muitos

deles oriundos ou fundadores dos estudos anglo-americanos nas suas instituições e cuja determinação e perseverança levou ao estabelecimento de programas de mestrado ou doutorais, institutos e grupos de investigação e à produção e disseminação de conhecimento através de revistas, livros e teses. Parece ainda relevar de vários textos um processo que nasce do impulso proporcionado pelos estudos de género em contexto anglo-americano nos anos 80-90, seguido por uma fase frequentemente vista como pós-feminista e que, associada aos processos de neoliberalismo e da precariedade laboral, frequentemente remete para um papel secundário esses mesmos estudos e avanços, que são maioritariamente conduzidos por mulheres. Na verdade, uma conclusão central do volume é a influência do político e das diferentes políticas no estabelecimento e desenvolvimento dos estudos de género/de mulheres.

Apesar dessas semelhanças, a comparação de diferentes contextos europeus também permite destacar algumas diferenças, fundamentalmente aquelas decorrentes do sistema político dominante, com importantes reflexos e consequências para a igualdade de género e o impacto dos estudos de género/de mulheres nas respetivas sociedades. A título de exemplo, é de destacar o caso dos países pós-comunistas analisados no volume, cuja

articulação do ativismo feminista, dos estudos de género/de mulheres e dos estudos anglófonos possui uma história e características bem diferentes daquelas encontradas nas sociais-democracias nórdicas ou nas jovens democracias do sul europeu.

Em suma, apesar de *Rewriting Academia* não constituir em si

mesmo uma análise crítica comparativa da relação entre os estudos de género/de mulheres e os estudos anglo-americanos no contexto académico europeu, os dados e a abrangência das análises empíricas que apresenta abrem caminho a tal abordagem e, nesse sentido, o volume fornece um importante contributo para esta área de investigação.